

16 SET 1992

ESTADO DE SÃO PAULO

Joelmir Beting

"Para que limpar o governo? Depois do segundo ano, a sujeira não piora nem um pouco."

Quentin Crisp, ensaista inglês.



Economia Brasil

O perigo maior

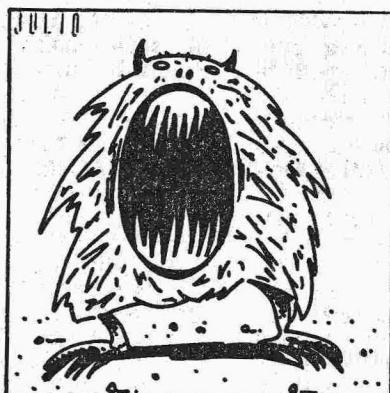
Nesta altura do calendário da expiação coletiva dos brasileiros, o pior que poderia acontecer, para a economia em transe, seria um novo congelamento de preços e salários. Um Collor III ou um Itamar I.

□□□ No governo terminal de Collor, essa ameaça está descartada. Primeiro, porque teria de passar pelo cadáver do ministro Marcílio Marques Moreira. Segundo, porque o anúncio de um Collor III produziria um único efeito: uma rimbombante gargalhada nacional.

□□□ A tentação do choque ronda a sagrada de um governo Itamar — entendido como governo de reparação da legitimidade do poder. A vontade política de mostrar serviço, da noite para o dia, costuma empolgar todo homem público travestido de salvador da pátria estrebuchada.

□□□ O novo governo, promovido em praça pública, cuidaria de congelar a economia para negociar um acordo nacional durante o congelamento. Um acordo para a prefixação de preços e salários na saída pactuada do congelamento. Com redutor mensal dentro do prefixador geral. Prefixação negociada com desindexação progressiva. Engrançado pelo impeachment de Collor, o Congresso seria o fiador do acordo nacional, arremedo de pacto social.

□□□ Algum problema? Sim. Uma tragédia. A remarcação preventiva de preços livres, também da noite para o dia, recepcionaria a entronização do novo



presidente. Isso aprofundaria o desalinhamento dos preços relativos dentro de cada cadeia produtiva. E inviabilizaria os acordos subsequentes de prefixação. Ao lado do desalinhamento ainda maior dos preços, teríamos o desabastecimento em cascata dos mercados. É que toda intervenção no sistema de preços quebra a corrente de transmissão dos suprimentos das empresas de qualquer nível ou setor.

□□□ Um choque Itamar I promoveria a sarneyização do novo governo de transição: de choque em choque até 31 de dezembro de 1994. As empresas chocadas voltariam a fazer ajustes para baixo e para trás: suspensão de contratos, protelação de projetos, acumulação de ativos financeiros. E tome nova onda de redução de oferta, de estoque, de produção, de emprego, de jornada e de salário. Já reprisamos esse filme quatro vezes.